

Intervenção na assinatura do contrato de doação do acervo do Arquiteto Alcino Soutinho

Começo por dar a todos as boas-vindas e confessar que é com grande honra e um especial sentido de responsabilidade que hoje concretizamos e celebramos a receção formal nesta Fundação, das mãos da Família do Arquiteto Alcino Soutinho, aqui formalmente representada pela Sr^a Arquiteta Andrea Soutinho, do acervo documental deste reputado arquitecto, de todos bem conhecido e muito estimado.

Esta honra resulta tanto do prestígio desta figura maior da arquitectura do Norte – que vai ser devidamente apresentada pelo Arquiteto Jorge Figueira – quanto do gesto da sua Família e da importante obra e respetivo acervo documental que caberá agora à Fundação Marques da Silva preservar, tratar, divulgar e valorizar, do ponto de vista documental, histórico e cultural.

Como afirmou João Vieira, diretor do SIPA do IHRU, na Conferência Marques da Silva de 2009, a Arquitetura é “um sector de actividade onde se produz, processa e consome informação e documentação em grande quantidade e com forte conteúdo técnico-científico, artístico e tecnológico”, a que acrescem “algumas especificidades documentais” que lhes conferem características

muito próprias em termos de gestão de informação. É, aliás, hoje sabido que “à medida que a História da Arquitectura vem passando a incluir no seu território de estudo, para além das obras arquitectónicas (e destas já não só as peças de excepção), também os processos arquitectónicos (os contextos: políticos, ideológicos, sociais, culturais, tecnológicos ou económicos; as actividades: a contratação, a recepção da obra, a gestão e utilização dos edifícios ao longo do tempo), e os seus protagonistas, mais abrangente, diversificado e complexo se vem tornando o universo dos “documentos de arquitectura” susceptíveis de serem convocados em termos de gestão documental e sistema de informação”¹ – e também de “Museu de Arquitectura”, cuja ambição foi manifestada pela Arquitecta Marques da Silva no seu testamento e que a FIMS pretende concretizar de um modo inovador, como a seu tempo mostrará.

Ora, a Fundação Marques da Silva definiu como missão, estatutariamente consagrada e reafirmada no seu Plano Estratégico, a “promoção científica, cultural, formativa e artística, designadamente a classificação, preservação, conservação, investigação, estudo e divulgação de todo o património artístico e arquitectónico do arquitecto José Marques da Silva, da sua filha e

¹ VIEIRA, João, *Documentos e arquivos de Arquitectura: Princípios, estratégias, metodologias e instrumentos de gestão*, Porto, Fundação Marques da Silva, 2010, pp. 19 e 23.

genro, bem como o acolhimento ou incorporação de outros fundos ou unidades documentais de valor patrimonial, histórico, científico, artístico ou documental, relativos, preferencialmente, à arquitectura e ao urbanismo portuenses e portugueses”.

E é nesta visão ampla e aberta que a FIMS tem trabalhado e acolhido a rica documentação de importantes arquitectos da já correntemente designada “Escola do Porto”, de que O Arquitecto Alcino Soutinho é inequivocamente um reconhecido representante.

E tem sido essa missão e a visão estratégica definida em 2009 que tem pautado a atividade desta Fundação: além dos vastos e diversificados acervos fundacionais (dos arquitectos Marques da Silva, Maria José Marques da Silva e David Moreira da Silva), acolhe já hoje uma multiplicidade de outros conjuntos documentais que, na sua complementaridade, marcam profundamente a evolução da arquitectura portuguesa ao longo do século XX e a sua influência no século XXI – no país e no estrangeiro. Assim o evidencia exemplarmente o acervo do Arquitecto Fernando Távora (arquivo e biblioteca), mas também do Arquitecto Carlos Loureiro, este ainda em tratamento, a que acresce a documentação do Arquitecto João Queirós, autor do edifício do *Magestic* (ainda em fase de transferência), e as revistas de arquitectura do fotógrafo Luís

Ferreira Alves, e algumas outras doações de documentação diferente, como as do Prof. António Cardoso e do Dr. Manuel Real.

Porque há aqui alguns engenheiros e arquitectos dados a números, posso informar que, no que aos núcleos da biblioteca diz respeito, a FIMS já inventariou e disponibilizou no ALEPH perto de 5000 títulos e prepara a disponibilização de mais de 4500 (dos quais, 1133 da Biblioteca do Arquitecto Alcino Soutinho e da Arquiteta Andreia Soutinho, incluindo 573 da biblioteca privada e 560 do gabinete). No que a documentação de arquivo diz respeito, e usando a tipologia de classificação adequada, guardamos e temos inventariados mais de 250 metros lineares de documentação escrita, 19 armários verticais e 24 horizontais, milhares de fotografias (c. de 4000), dezenas de milhar de digitalizações, algumas já públicas, e ainda dezenas de pinturas, de aguarelas, de peças de cerâmica, de esculturas, de gessos, etc. E muito mais faremos com o projeto recentemente apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian para tratamento e digitalização do acervo do Arquitecto Fernando Távora.

Com o intuito de divulgação dos acervos documentais (incluindo as colecções de arte e de escultura), organizámos conferências, colóquios, seminários, visitas guiadas, exposições, e promovemos diversas publicações, próprias ou apoiadas, porque temos a consciência de que a palavra escrita e o seu suporte material são o

complemento necessário à volatilidade intrínseca da palavra dita, devendo constituir uma forma de valorização de áreas relacionadas directa ou indirectamente com cultura arquitectónica e artística e, ao mesmo tempo, um legado cultural e patrimonial que nos compete transmitir, no quadro da referida missão da Fundação.

Em simultâneo, recebemos e apoiamos investigadores de distintas áreas do conhecimento, especialmente professores e estudantes de Arquitectura, de História da Arte, de Escultura, de Arquivística, que encontraram na FIMS documentação necessária ou pertinente para os seus estudos. Não temos dúvidas de que a valorização da e pela investigação de temáticas que contextualizam, aprofundam ou diversificam as perspectivas disciplinares específicas da arquitectura contribuem de modo muito mais eficaz do que aparentemente se pensa para a valorização desta e, em geral, da cultura patrimonial e artística que lhe está associada, em múltiplas dimensões, enquadrada por um ou por vários contextos temporais que a ajudam a compreender.

Assumimos conscientemente uma perspectiva integrada e complementar de todas as colecções, porque ninguém, nem os maiores génios da História, vive fora do seu tempo, das suas redes de relações, das suas leituras – e por isso valorizamos tanto as bibliotecas pessoais e profissionais -, dos diálogos com a cultura,

com o poder, com as ideias que florescem no seu tempo ou que herdaram no passado. E os que criaram as melhores ideias – ou ideias vencedoras - para o futuro foram quase sempre os que melhor compreenderam o passado, os que aprenderam com ele, seguindo-o ou rejeitando-o, mas sempre conhecendo-o ou percebendo as marcas da identidade a preservar ou a alterar. Esquecê-lo é limitar-nos às contingências do presente, ao efeito da moda que pode ser passageira, às influências imediatas ou de oportunidade e, inevitavelmente, à perda da memória amanhã em que já seremos passado insignificante. Aliás, se desprezamos (porque ignoramos o que em rigor foi) o nosso passado, toda a razão terão os de amanhã para desprezarem (porque também ignorarão) o que somos hoje. E nesse caso não seremos nada e tudo o que fazemos deixará de ter significado e em nada contribuirá para construir um mundo melhor. Neste sentido, valorizamos toda a documentação que nos é doada: desde os documentos de referência profissional até ao papel aparentemente insignificante, do livro marcante até ao artigo aparentemente lateral, de uma obra-prima da arquitetura até à agenda ou à pequena nota num papel menor, do desenho do arquitecto à fotografia da obra ou da família: porque todos, em conjunto, na sua complementaridade e no seu diálogo temporal, nos dão e darão ao futuro a percepção do que é ou foi a pessoa que nos é,

também ela, legada deste modo, em toda a sua complexidade, em toda a sua riqueza, em todas as suas dimensões, pessoais, culturais ou intelectuais, ou seja, no seu todo. A nossa sociedade já simplifica e especializa demasiado. Nós queremos o especial, o melhor, a marca diferenciadora, mas queremos também o geral, o contextual, o menor, o aparentemente insignificante. Porque os investigadores saberão dar-lhes os significados, dar-lhes os sentidos e a utilidade que fará também sobressair o melhor, o mais belo ou o mais interessante, o que soube estar à frente no seu tempo sem deixar de estar no seu tempo...

É isto que também pretendemos fazer com este acervo – arquivo e biblioteca - do Arquitecto Alcino Soutinho: tratar, disponibilizar, divulgar e valorizar uma vasta obra que é a expressão de alguém que se afirmou como arquitecto, como professor, como intelectual, como pessoa, na relação com outras pessoas do seu tempo, muitas, felizmente, ainda vivas, outras que já nos deixaram, mas que reviverão com o conhecimento que esta documentação poderá propiciar e com a sua memória que este ajudará a preservar, muito para além das memórias individuais e colectivas dos que hoje ainda estão vivos.

E isto será feito por todos os que quiserem recorrer à Fundação Marques da Silva, investigadores ou estudiosos em geral, para

conhecer a documentação agora legada, as suas relações com outra documentação, guardada aqui ou em múltiplos lugares da memória que, felizmente, ainda se preserva e que muitos continuam a valorizar.

E será feito, como tem sido, com o apoio de uma equipa técnica que, sendo muito reduzida, tal como os recursos da Fundação, é e está sempre disponível, individualmente ou em equipa, com profissionalismo, generosidade e simpatia, pronta para acolher, aconselhar, informar e resolver as dificuldades dos que nos procuram. A esta equipa deixo aqui, publicamente, o meu agradecimento, em nome do Conselho de Administração. E se não fica bem agradecermos a nós próprios, permitam-me que, estritamente a título pessoal, deixe uma palavra de sincero reconhecimento aos meus colegas do Conselho de Administração que me têm acompanhado nesta responsabilidade: o Rui Ramos, a Fernanda Ribeiro, o Rui Azevedo, a Clara Paulino. E ao Conselho Científico e ao Conselho Geral da Fundação que têm confiado em nós, nos apoiaram na definição da estratégia, nos deram e dão o incentivo necessário para tentar fazer sempre mais e melhor, sem interferir nas opções de gestão da Administração. Fizemos e fazemos por lhes merecer a confiança e mais não fizemos porque o tempo e as

múltiplas obrigações profissionais a que damos resposta nos não deixou margem para maior e melhor dedicação.

Deixo as minhas últimas palavras para agradecer a todos os que têm reconhecido à Fundação Marques da Silva a competência, a seriedade e a confiança necessárias para nela depositarem acervos pessoais de enorme significado patrimonial e cultural. Aqui e agora, de um modo especial, à Senhora Arquiteta Andrea Soutinho, pessoalmente e em representação da Família também aqui presente, pela decisão rápida, pela gentileza permanente, pela simpatia contagiante, pela eficiência e pela colaboração com que tratou e acompanhou todo o processo de transferência documental. Ao Arquiteto Jorge Figueira (e sem querer substituir-me à Senhora Arquiteta Andrea Soutinho), os nossos agradecimentos por ter aceitado estar uma vez mais connosco a partilhar o seu saber e as finas análises que, estou certa, não faltarão também hoje.

A todos os presentes, muito obrigada por estarem aqui neste momento pleno de significado e de valor simbólico para todos nós, Fundação e Família Soutinho.

Muito obrigada a todos.

Maria de Lurdes Correia Fernandes
(Presidente do Conselho de Administração da FIMS)